

Brasileiros têm filhos mais pobres

Cresce no país a população que não consegue manter o mesmo padrão de vida dos pais

No Brasil, cada vez menos pais vêem os filhos mantendo ou melhorando o padrão de vida em que foram criados. A queda na escala social se acentuou entre 1976 e 1996, quando foram coletados os últimos dados disponíveis, em levantamento realizado pela professora Valéria Pero, do Instituto de Economia da UFRJ. Em 20 anos, a mobilidade social descendente aumentou quase 30%. No Rio, chegou a 40%. Se nos anos 70 o empobrecimento atingia 18% dos herdeiros, na década de 90 afetou 25,3%. Da geração mais nova, apenas 12,4% melhoraram de situação no mesmo período. Uma das razões é a concentração de riqueza no país, onde os 1,6 milhão mais ricos concentram renda igual à dos 80 milhões mais pobres. (Página 21)



Peggy Dulany conversa com crianças amparadas por instituição que ela patrocina em Campo Grande

A Rockefeller do Jacarezinho

Herdeira de um império, a americana Peggy dedica a vida a projetos sociais no Rio

SÔNIA ALARQUE

Peggy Dulany fala português melhor do que muitos brasileiros. O vocabulário inclui gírias e o sotaque é carioca. Não é para menos. Essa

educadora americana morou no Rio por três anos, parte deles na Favela do Jacarezinho. Preocupada com a pobreza e a desigualdade, passa a maior parte do tempo viajando para países do Terceiro Mundo, mas

gosta mesmo é do Brasil. Semana passada, ela percorreu ruas esburacadas da Zona Oeste para chegar ao remoto lugarejo de Iaraocó, depois de Campo Grande, onde funciona um projeto social no qual é

voluntária. Na prática desse sacerdócio, Peggy jamais usa seu verdadeiro sobrenome. Ela é filha do magnata David Rockefeller e herdeira de uma das maiores fortunas dos Estados Unidos. (Continua na pág. 20)

Lei eleitoral será burlada pelos partidos

Obrigados a manter em todos os níveis as mesmas coligações, os partidos já buscam saídas para acomodar seus interesses regionais. As fórmulas vão do lançamento de candidatos "laranja" nos Estados a campanhas conjuntas em clima de clandestinidade. Em outubro, quase 110 milhões de brasileiros serão obrigados a votar. Os que estão em situação irregular só têm até 8 de maio para cumprir a lei. O Jornal do Brasil publica hoje um roteiro para esclarecer as principais dúvidas desses eleitores. (Páginas 2 e 4)



TÁRIK DE SOUZA

Ney Matogrosso lança *Usar ser*, livro de fotos tiradas ao longo de sua carreira e que traz CD com canções de Cartola. "Não cabe a mim facilitar para ficar mais palatável", diz o cantor. (Págs. 1 e 3)

Canal do Jardim de Alá avançará mais de 150m no mar

"Poluição visual, atmosférica e sonora" são alguns dos problemas apontados pelo relatório de impacto ambiental das obras de prolongamento do canal do Jardim de Alá, em estudos na Feema. Dois enrocamentos com mais de 150m invadirão o mar para tentar renovar as águas da Lagoa. (Pág. 26)

Presidente do STF prepara-se para assumir o Planalto

Autor de sentenças polêmicas e até hoje lamentando a "mordida moral" a que se impôs no julgamento do primo, Fernando Collor, o presidente do STF, Marco Aurélio de Mello, prepara-se para assumir a Presidência da República, em maio, durante viagem de Fernando Henrique Cardoso à Europa. (Página 13)



PERIGO - Camelô explora o risco que vem dos prédios em mau estado no Rio. (Pág. 25)

Pais adotivos não querem bebês negros

Candidatos à adoção de crianças no Brasil seguem um "padrão estético" de escolha, segundo a 1ª Vara da Infância e da Juventude do Rio. Meninas ou meninos negros, os portadores de deficiências físicas e os de idade acima de 3 anos raramente são aceitos. Enquanto cresce a fila de interessados em recém-nascidos louros e de olhos azuis - preferidos por 80% dos pais adotivos -, o Tribunal de Justiça prepara campanha publicitária para combater o preconceito. "Querem uma criança perfeita, como se estivessem escolhendo bonecas numa vitrine", lamenta Cláudia Manhães Amin, diretora do Serviço de Adoções. (Página 24)

França faz hoje eleição dos extremos

Dez milhões de franceses irão às urnas, hoje, para escolher seu presidente. Entre os 16 candidatos, há uma trotskista e um neofascista, mas as chances de vitória estão com os moderados. Pela centro-direita, Jacques Chirac tenta a reeleição e, pela centro-esquerda, o concorrente é o primeiro-ministro Lionel Jospin. A abstenção deve alcançar um terço dos eleitores. (Página 14)



Índias ainus, japonesas, dançam hoje, no Museu da República, o ritual da colheita

O ocaso do feminismo

Ao longo de um ano a psicóloga Oriana White liderou equipe de pesquisadores que entrevistou mais de 400 brasileiras. Quena saber quais os anseios femininos no novo milênio. As respostas revelam o abandono dos ideais feministas. É o sonho de uma rotina mais simples, com marido e filhos por perto, longe do consumismo. Domingo responde ainda a perguntas frequentes como "por que elas gostam tanto de discutir a relação" ou "o que elas carregam naquelas bolsas enormes".



NÃO DESISTO PRECISO DE: TRABALHO

Um país rico, com muitos pobres

Com um terço da população na pobreza, há duas décadas o Brasil mantém intacto um dos piores níveis de desigualdade

NICE DE PAULA E
LUCIANA BRAFMAN

A estabilidade econômica criada pelo Plano Real não contribuiu para reduzir a pobreza no país. Em 1995, 33,9% viviam em situação de pobreza ou indigência. Quatro anos mais tarde, em 1999, esse percentual subiu para 34,1%. Os dados fazem parte do estudo "Estabilidade Inaceitável, Desigualdade e Pobreza no Brasil", do Instituto de Política Econômica Aplicada (Ipea).

A razão para a pouca mudança não está na falta de recursos, mas sim na desigualdade social. A má distribuição de renda responde sozinho por quase dois terços dos 53 milhões de miseráveis do país. Basta lembrar que o 1% mais rico, o equivalente a 1,6 milhão de pessoas, concentra a mesma renda dividida pelos 50% mais pobres, que são 80 milhões. "O Brasil não é um país pobre, mas um país de muitos pobres", enfatiza André Urani, professor de Economia da UFRJ e presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS).

Quando se referem a indigentes, os pesquisadores estão falando de pessoas que vivem com menos de R\$ 80 por mês, valor suficiente para comprar uma cesta de alimentos com o mínimo de calorias necessárias ao ser humano. Há 22 milhões de brasileiros nessa situação. Na categoria pobres estão aqueles que tem o dobro dessa renda. Conseguem comprar a alimentação básica, mas não têm o suficiente para outros itens essenciais como moradia, roupa e transporte. São mais 31 milhões de pessoas.

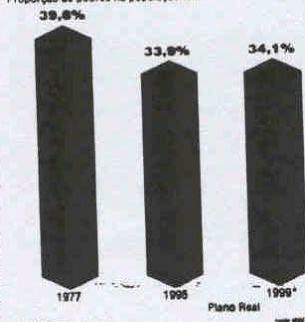
Mas a renda por habitante (resultado da divisão da riqueza pela população) não permite colocar o Brasil entre os países mais pobres do mundo. Ao contrário. O Brasil está no terço mais rico do planeta. Mas, enquanto nos países com renda per capita similar à brasileira, apenas 10% da população estão abaixo da linha de pobreza, no Brasil, o percentual sobe para 30%.

A diferença se deve à desigualdade e nesse quesito o país é líder. Apresenta o maior grau de desigualdade do mundo, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, edição 1999. Um dos índices mostra a relação entre a renda média dos 20% mais ricos da população e dos 20% mais pobres em 45 países. No Brasil, os ricos ganham 30 vezes mais que os pobres. É o único país que ultrapassa esse limite, superando Senegal, Honduras, Bangladesh e Peru, entre outros.

Numa comparação entre 92 países, conforme critérios da ONU, o Brasil se destaca como um dos líderes mundiais em desigualdade, só perdendo para duas nações africanas, Malawi e África do Sul. De acordo com Urani, baseado em dados do Ipea, se o país crescesse a taxa anual de 3%, seriam necessários 19 anos para reduzir a pobreza à metade. "As políticas de crescimento são condenadoras de renda". O chefe do Centro de Políticas Sociais de Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri, reforça: "Mesmo na desigualdade é mais eficaz para reduzir a pobreza, mas politicamente é mais complicado".

O tamanho da pobreza no Brasil

Proporção de pobres na população total



Fonte: Instituto de Política Econômica Aplicada (Ipea)

A mudança no nível social das famílias de Rio*

Quanto filhos mantiveram o nível de vida dos pais



Quanto filhos passaram a situação em relação ao nível de vida dos pais



Quanto filhos melhoraram a situação em relação ao nível de vida dos pais



Fonte: Instituto de Política Econômica Aplicada (Ipea)

Jornada de 12 horas por R\$ 20

Danielle Maximiliano Alves, 18 anos, quer ser psicóloga. "Deve ser bom poder dar conforto às outras pessoas", justifica a jovem, que mora na favela do Vidigal, Zona Sul do Rio. Seus planos, entretanto, foram interrompidos no ano passado, quando largou os estudos na 1ª série para distribuir propaganda em sinal de trânsito. O trabalho, no qual gasta 12 horas por dia, não é fixo e rende apenas R\$ 20.

O dinheiro reforça o orçamento da casa de um cômodo, que divide com a mãe, Sandra, 37, e os irmãos Julia, 5, e Danilo, 13. Os quatro vivem com uma renda de pouco mais de R\$ 300 por mês. "Comida nunca faltou. Até por isso que tem sempre quem ajude. Mas num mês a gente deixa de pagar o gás, no outro a gente atrasa o cartão e assim vai", conta Danielle, que pretende, um dia, voltar à escola. "Até para trabalhar, precisamos ter estudo. Foi tentar uma vaga de vendedora e vi que estava concorrendo com meninas formadas. Ficou difícil".

Na casa de Rita de Cassia Leite, 38 anos, o que se vê é um retrato da indigência. Um único cômodo em



Danielle mora na favela do Vidigal

Realengo é dividido com o marido Antônio da Conceição, 39, a filha Amanda Conceição, 15, mãe solteira de Tiago, de apenas 9 meses. Com pai e mãe desempregados, a família conta exclusivamente com os R\$ 100 que Amanda vai ganhar com um recém-obtido emprego de doméstica. Além de incerta, a renda de cada membro da família é de R\$ 25 por mês. "Quero trabalhar e não consigo emprego. Dependemos da ajuda alheia", diz Antônio.

A conjuntura que ajuda a manter a pobreza e dificulta a ascensão só pode ser vencida com muito empenho pessoal. Que o diga a doméstica Maria Geralda da Silva, 47 anos. Uma entre os dez filhos de um lavrador que morreu quando ela tinha apenas três anos, começou a trabalhar aos oito e não pôde nem se alfabetizar. Sua filha, Cleide Ana, 18, no entanto, se prepara para prestar vestibular. "Prefiro que ela não trabalhe e estude para ter mais oportunidades do que eu. O meu sonho é vê-la na faculdade, porque hoje o 2º grau só é pouco", diz a doméstica, que tem uma renda mensal de R\$ 600.

"A classe média é rica"

Famílias com renda acima de R\$ 2,1 mil compõem 1% da população

No Brasil, as famílias cuja renda por pessoa está acima de R\$ 2,1 mil fazem parte do 1% mais rico da população. A classe média é, portanto, riquíssima. Essa é a teoria defendida pelo professor do Instituto de Economia da UFRJ André Urani. Ele propõe uma nova e polêmica classificação sócio-econômica no Brasil. De acordo com Urani, uma família pode ser enquadrada como classe média se a renda familiar por pessoa estiver entre R\$ 131,67 e R\$ 193,33. Da mesma forma, a classe média alta está posicionada numa faixa superior, que vai até R\$ 571

Os ricos são os que ganham até R\$ 2.183,60.

"Ninguém se vê desta forma", admite Urani. Isso porque as pessoas não têm o hábito de olhar o país como um todo. Segundo ele, o primeiro passo para diminuir a desigualdade está exatamente nesse ponto: "A revolução é mental, na maneira que o país tem que se enxergar".

Urani explica que a maioria das pessoas toma como referencial as realidades europeia e americana. "Temos que olhar para dentro. Aqui, os 50% mais ricos vivem com uma renda de R\$ 131,67",

compara, citando dados do IBGE, de 1999. Segundo o economista, esse novo olhar é importante para que as políticas de redistribuição e de tributação sejam feitas de maneira justa. É aí que está o medo da chamada classe média, que já arca com uma forte carga tributária.

A releitura da situação vem causando alguns problemas. Um dia, ao sair de seu apartamento no Leblon, Urani cruzou com um vizinho, que lhe deu uma bronca: "Ele estava bravo e disse para eu parar com essa história de espalhar por aí que éramos ricos".

Os filhos vivem pior que os pais

Os brasileiros e, em especial, os moradores do Rio, estão tendo cada vez mais dificuldades para conseguir alcançar a mesma condição social de seus pais. Valéria Peró, do Instituto de Economia da UFRJ, mostrou em sua tese de doutorado que entre 1976 e 1996 — últimos dados disponíveis — cresceu a mobilidade social descendente. Ou seja: aumentou o número de filhos com ocupação profissional pior do que seus pais. E caiu o número daqueles que melhoraram em relação à geração anterior.

Na média nacional, cresceu em 27% o número de jovens cuja situação no mercado de trabalho é pior hoje do que a encontrada por seus pais. Há 20 anos, 11 em cada 100 brasileiros não conseguiram reproduzir a situação sócio-econômica dos pais. Agora, são 14 em cada 100 brasileiros que não conseguem.

Já no Estado do Rio, a piora foi de 40%, acima da média nacional. No mesmo período, também caiu o número dos que foram capazes de melhorar a própria situação em relação aos pais. "O Rio é o Estado do país que tem a maior taxa de declínio na escala social, fato relacionado com a perda de vigor da economia fluminense", explica Valéria Peró.

Uma das principais razões para essa diferenciação do Rio em relação aos outros Estados foi o enrugamento do serviço público. A professora ressalta que a composição das categorias no mercado de trabalho do Estado evidencia a queda na participação dos trabalhadores manuais de rotina, que são técnicos e funcionários de escritórios, antes concentrados em funções burocráticas da administração pública.

"Foi como se reduzissem um degrau da escada, porque para a classe média, essas funções representavam uma possibilidade de ascensão muito grande. É mais fácil para um motorista vir escrivão do que pular direto para ser engenheiro".

Na prática, a dificuldade de melhoria social se expressa nos filhos que, mesmo depois de adultos, não conseguem manter a própria família ou continuam dependendo da ajuda dos pais ou avós. É gente como Luana Fernandes, 18 anos, que depois de um ano casada com o promotor de vendas Gilberto Fialho, 26 anos, e o filho João, de dois anos, foi morar na casa da mãe, a diarista Maria do Carmo da Silva, 48 anos. "O aluguel era muito caro para eles", conta Maria do Carmo.

Situações semelhantes se espalham. "É o pai que mora na Zona Sul e o filho, na Zona Norte, ou o pai médico e o filho que não terminou a faculdade", lembra a autora da pesquisa.

Para o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, a pesquisa reflete a realidade. "É claro que a economia do Rio vem perdendo espaço e só começou uma recuperação a partir de 1993", diz. Ele explica que a boa notícia é na educação, onde há uma melhoria da escolaridade dos filhos em relação aos pais. "O problema é que a exigência por educação também vem crescendo muito e talvez neutralize o efeito desse ganho no mercado de trabalho".